

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

MACHADO DE ASSIS E A SALA DE AULA

Evellin Naianna Souza Oliveira Gomes¹; Flávia Aninger de Barros²;

- Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: evellinoliveirag@gmail.com
- Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: flavianinger@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, Leitura Literária, Ensino de Literatura, Intertextualidade.

INTRODUÇÃO

A Literatura é a morada de vários saberes. Barthes ([1977]1996, p. 18) afirma que esta “faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto”, assim, por ser abrigo, guarda para os olhos dos leitores um universo de conhecimentos sobre o mundo, sobre nossas identidades, sobre a alteridade que nos cerca.

Entretanto, apesar desse potencial, o ensino da Literatura tem sofrido por falta de compreensão e espaço na sala de aula de Língua Portuguesa. Advindo de uma tradição historiográfica, privilegiando o sequenciamento temporal, buscou, muitas vezes, refletir a crítica literária, como afirma Faria (2009, p. 3). Para a autora, “ocorria aqui o mesmo que na Europa: a abordagem da literatura, ajustada ao ideal de objetividade histórica, descreve o passado, restringindo-se ao cânone das obras e autores consagrados pela tradição”.

Por muito tempo, a tradição historiográfica foi seguida, deixando de lado o texto literário como material principal e dando lugar ao livro didático, resumos e análises cristalizadas que pouco dão espaço para novas compreensões e a própria subjetividade do aluno surgirem.

Neste contexto, busca-se, através deste trabalho, analisar a forma como o texto literário tem sido apresentado e como isso leva ao afastamento dos alunos, o lugar do texto na sala e na vida dos estudantes, bem como do professor, e como essa literatura deve ser apresentada para que seja uma porta para a dimensão reflexiva e crítica da leitura literária e não uma barreira.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a execução do objetivo deste trabalho baseou-se na análise qualitativa, através dos estudos de Petit (2009 e 2010), Antunes (2003), Cosson (2009 e 2017), Faria (2009), Galvão & Silva (2017), sobre como ocorrem as aulas de Língua Portuguesa, que lugar dão à Literatura, e quais as suas problemáticas. Através de dados

históricos, buscou-se ainda compreender como se deu o desenvolvimento do ensino de Literatura no Brasil.

Através de estudos sobre a abordagem de ensino da literatura produzida por Machado de Assis, buscou-se compreender o lugar que o autor ocupa e como é apresentado nas salas de aula. Empreendeu-se, ainda, algumas análises sobre seus contos, como forma de fazer haver uma ligação entre a teoria e a prática docente, analisando pontos possíveis de serem explorados na sala de aula, especialmente pela Intertextualidade, ligada à subjetividade de cada aluno e suas vivências.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Muitas modificações ocorreram ao longo dos anos e séculos, no ensino de Literatura. Segundo Perrone-Moisés (2016, p. 71), em meados do século XX, os estudos literários sofreram mutações para adequar-se “ao espírito pragmático da sociedade moderna”, assim, “transformaram-se em estudos de ‘comunicação e expressão’” como uma forma de adaptar melhor os alunos à vida pós-escola, trocando o texto literário, que não era útil “para melhorar o desempenho comunicacional e expressivo na vida diária”, por outras tipologias textuais, “como os da mídia”, que, segundo cita a mesma autora, “são mais adequados a esse objetivo prático”.

Citando o psicanalista Bruno Bettelheim, Petit (2009, p. 155) critica a dimensão utilitária da leitura. Para ela, “uma criança não precisava saber que a leitura lhe seria útil mais tarde”, mas que deveria ser “convencida de que a leitura lhe abrirá um mundo de experiências maravilhosas”. Partindo dessa premissa, no ensino médio, momento em que as obras machadianas constam do conteúdo programático, as salas dos últimos anos escolares, preenchida de jovens, muitas vezes não têm condições ou abertura para encontrar novos mundos na literatura que consideram antiga e não sabem que podem ter uma experiência de leitura gratificante. Cabe lembrar que “a linguagem diz respeito à construção de sujeitos falantes que nós somos, à elaboração de nossa relação com o mundo” (PETIT, 2009, p. 157) e é assim que entendemos que a obra de Machado de Assis deve ser apresentada: como uma proposta metafórica de compreensão do ser humano, em suas complexidades, a partir de uma visão particular do mundo.

Contrariando o que sugere Petit (2009, p. 155), um fórum no site Reddit, datado de 2015, levanta a discussão acerca da mutação da linguagem para a “acessibilidade linguística”. Tal argumento a favor da acessibilidade pode afastar o olhar do leitor da linguagem literária, dimensão subjetiva necessária para a elaboração de significações. Assim, observa-se a maneira como esses textos literários têm sido levados à sala de aula: adaptados e encurtados para caber naquele curto espaço destinado ao labor literário. Para Candido (2011, p. 176), “os educadores ao mesmo tempo preconizam e temem o efeito dos textos literários”. Assim, a prática docente limitada faz recair sobre o livro novamente o estigma que o afasta.

A inclusão, nessa perspectiva, deve estar dirigida à oportunização de uma identificação, à construção de sentidos válidos para o texto. O aluno, diante de um clássico, necessita ir além dos componentes históricos ou de época, pois, conforme Italo Calvino (1994, p. 11), “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Ou seja, o aluno deve ser convidado a perceber as situações e contextos humanos, a

construir a intertextualidade possível do texto com base no que conhece, no que vivencia, além de passar a conhecer outras referências da cultura.

Algumas possibilidades são vistas através da vasta quantidade de contos machadianos para se trabalhar. Com ar de fantasia, *Ideias de um Canário* evoca a reflexão acerca do mundo e das possibilidades de aprendizagem. Presos naquela gaiola, dentro da “loja de belchior”, diante de objetos usados, velhos, que carecem de sentido, os alunos podem ser convidados a ver o mesmo que o Canário. E, ao realizarem a leitura, podem reconhecer as próprias gaiolas através do trabalho atento baseado na linguagem, nas elaborações metafóricas que Machado empreende na construção do conto. Este conto permite sair do espaço do conhecido "resumo da obra", pois convoca a interpretação própria de cada aluno; é um conto que, facilmente, sai da interpretação cristalizada pois apresenta uma metáfora à qual o estudante pode se identificar.

A literatura machadiana, datada do século XIX, também retrata questões particulares de seu tempo que, muitas vezes, acabam reverberando na própria condição da sociedade moderna contemporânea. No conto “Teoria do Medalhão”, por exemplo, deparamo-nos com a “receita” para se fazer notável, ou famoso. Aconselhado pelo pai a roubar ideias de outras pessoas, Janjão poderia muito bem ser um jovem do século XXI, diante das inúmeras possibilidades do que fazer com a sua vida ao chegar à maioridade. O conto, curto, possibilita ao aluno que faça uma analogia com sua própria época e perceba que, determinadas relações e situações são atemporais. Assim, um conto escrito em 1881 permanece ainda dizendo muito ao nosso século, e essa percepção faz o aluno despertar para a sua própria condição de interpretação.

Outros tantos contos machadianos servem ao mesmo propósito e têm muito a dizer aos estudantes. Entretanto, muitas vezes a condução da prática com o texto na sala de aula não permite a reflexão individual, baseada nas próprias observações, e pode afastar a possibilidade de reconhecimento e crítica sobre a sociedade no texto. O uso de trechos isolados dos textos, geralmente utilizados como instrumentos de justificativa para embasar respostas a determinadas questões ou justificar o porquê de pertencer o autor àquela determinada escola literária, fazem petrificar o texto no seu século de origem e apagam a curiosidade que pode surgir naquele curto contato com o fragmento descontextualizado. Assim, como fazer os alunos compreenderem que Machado tem muito a lhes dizer? Como conciliar os estudantes com o texto machadiano?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O labor literário demanda tempo, dedicação, e, acima de tudo, afeto. Compreender a obra de Machado de Assis é complexo; fazer surgir a chama da curiosidade o é ainda mais. Os obstáculos que a própria obra apresenta, como a linguagem e o estigma, precisam ser desconstruídos e compreendidos. Fazer coabitar o clássico e o contemporâneo, num ambiente em que o livro é considerado quase herético, é difícil, mas não impossível. Para Candido (2011, p. 190), textos como os de

Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não

segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular.

Diante de tantas modificações e interrogações acerca do que fazer com a literatura em sala de aula, as interrogações são as únicas que permanecem incólumes: não há um caminho único traçado porque, na Literatura, serão sempre múltiplos os horizontes.

REFERÊNCIAS

- [DISCUSSÃO] É válido simplificar a linguagem de um clássico?. Reddit, 20 fev. 2015. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil/comments/2wj33c/discuss%C3%A3o_%C3%A9_v%C3%A1lido_simplificar_a_linguagem_de_um/>. Acesso em: março de 2020.
- PETIT, Michèle. A Arte de Ler: ou como resistir às adversidades. São Paulo: Editora 34, 2010.
- PETIT, Michèle. Os Jovens e A Leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da Literatura no Século XXI. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GALVÃO, André Luis Machado; SILVA, António Carvalho da. O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes. Letras&Letras | Uberlândia | v. 33 n. 2 | jul./dezr. 2017. Pp. 209-228.
- FARIA, Vanessa Fabíola Silva de. O ensino de literatura e a formação do leitor literário: entre saberes, trajetórias de uma disciplina e suas relações com os documentos oficiais. Revista Iberoamericana de Educación ISSN: 1681-5653 n.º 49/7 – 25 de junio de 2009 EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/2801Faria.pdf>>
- BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Editora Cultrix, 1996 [1977].
- CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011
- COSSON, Rildo. Círculos de Leitura e Letramento Literário. 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.